

ALÉM DO ANTROPOCENO: À TAXONOMIA ATRAVÉS DAS SUAS MÚLTIPLAS CAUSAS E A CRIAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA

Luan Patrick Reis Serafim Leite

Mestrando em Administração de Empresas – FGV EAESP

patrickluan1988@icloud.com

RESUMO ESTRUTURADO

Introdução/Problematização: O termo “Antropoceno” foi concebido no início dos anos 2000 pelo químico e meteorologista Paul Crutzen, nomeando uma nova era geológica que sucede o Holoceno. Fazendo uma analogia entre a taxonomia e essa nova era geológica, pode-se utilizar de suas características comuns para que a designação de seu nome seja assertiva e coerente com o que ele de fato representa. As taxonomias dessa era geológica são caracterizadas e embasadas através da sua causa iminente. Alguns autores ainda exploram novas considerações, cargas literárias e pontos de vista a serem mais evidenciados nessa era geológica.

Objetivo/proposta: O objetivo de pesquisa deste estudo teórico é analisar a relação em como a nomenclatura desse novo momento geológico se relaciona com a percepção do seu significado, causas e consequências para o público fora da academia e o papel das organizações nessa formação de significância. Este estudo se torna relevante, pois a partir de sua nomenclatura e inserção no vocabulário linguístico, cria-se uma possibilidade de aprendê-lo e consequentemente debatê-lo de maneira eficaz, a tomada de visibilidade para o fenômeno também torna mais difícil sua minimização e possível distorção entre a massa.

Principais Resultados: A partir de diferentes aparatos analíticos, o Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno e Chthuluceno são perspectivas que se iluminam e obscurecem em diferentes pontos sobre uma mesma luta, onde o ato de nomear está atrelado em uma relação de linguagem e realidade, sendo responsável pela percepção de realidade, considerando a ótima performativa da linguagem, onde as sentenças e nomenclaturas disfarçam sua real intenção, impactando diretamente na percepção de seu entendimento inicial para o destinatário.

Considerações Finais/Conclusão: Podendo-se observar em como a nomenclatura utilizada impacta diretamente na relação de percepção de seu entendimento inicial para o destinatário, possuindo uma relação de poder e controle narrativo entre a organização que cria a significância desse fenômeno e a sociedade que o recebe. Detendo o conhecimento relativo em como o termo utilizado impacta na percepção social, organizações como um todo buscam propor e emplacar o termo que acreditam ser mais fiel ao fato decorrido, ou mais aderente aos seus interesses institucionais e organizacionais.

Contribuições do Trabalho: O debate teórico possui o viés de fomentar essa conjuntura crítica entre significâncias organizacionais e sociedade, juntando a sua formação e seguindo para os desdobramentos desse fenômeno a partir da sua nomenclatura. Considerando esse ensaio como um estudo que não visou esgotar as possibilidades de ocorrências entre a relação de criação de significâncias por parte das organizações e seus desdobramentos na sociedade,

restringindo-se ao paradigma teórico, saliento a relevância da construção de futuros estudos empíricos, mostrando-se fundamental para mensurar o real entendimento público para as diferentes terminologias em torno dessa nova era geológica e seus futuros desfechos.

Palavras-Chave: Significância; Antropoceno; Capitaloceno; Plantationoceno; Chthuluceno.

1. Introdução

Em qual momento de tempo e espaço iniciou a relação moderna entre a humanidade e o restante da natureza? Esse indagamento ganhou um novo destaque a partir dos movimentos sociais e governamentais de preocupação com as iminentes mudanças climáticas. Uma resposta capaz de englobar todo esse fenômeno despertou interesse do público acadêmico e popular na última década: o Antropoceno (MOORE, 2017). O termo “Antropoceno” foi concebido no início dos anos 2000 pelo químico e meteorologista Paul Crutzen, nomeando um significativo momento histórico e geológico resultante de um efeito primário da Revolução Industrial (NEYRAT, 2015).

Sucedendo o Holoceno, que até então seria o tempo geológico vigente. O nomeado Antropoceno é a mais recente era geológica em que estamos vivendo, caracterizada por um estado climático alarmante e perigoso, causado pelo domínio da espécie humana e seus interesses comerciais exploratórios que comprometem inexoravelmente a estrutura do sistema terrestre (GASPARIAN *et al*, 2020), trazendo um eminente crescimento “no consumo de recursos naturais, minerais e fósseis, assim como a expansão dos terrenos de cultivo, das cidades e das infraestruturas e rotas de transporte, sendo estas as principais atividades humanas que” (LOUSA; MIKOSZ, 2022, p. 253), transformaram de maneira implacável este planeta.

“O Antropoceno modifica a compreensão dual de mundo, tipicamente ocidental, entre humanidade e natureza, propondo ao invés disso uma união sistêmica e multi-influenciável” (JUNIOR; RABELO, 2021, p. 72), onde organizações e sociedades ao redor do globo estão em cima desse fenômeno e sua significância. Etimologicamente, o termo “Antropoceno” origina-se do grego, onde *anthropos* refere-se ao humano e *kainos* ao novo, sendo uma nova era geológica onde o homem está no centro de tudo (LOUSA; MIKOSZ, 2022).

A taxonomia é uma modalidade científica significativamente antiga e relevante, possuindo diversas vertentes multifacetadas, tendo seu cerne na identificação e nomeação biológica a partir de características comuns (LIMA; SALDANHA; CAVALCANTE, 2020). Fazendo uma analogia entre a taxonomia e essa nova era geológica, pode-se utilizar de suas características comuns para que a designação de seu nome seja assertiva e coerente com o que ele de fato representa, criando uma significação real ao fenômeno. Onde, as taxonomias atreladas a essa era geológica estão sendo caracterizadas e embasadas através da sua causa iminente. Uma vez que esse fenômeno/ era geológica ganha uma nomenclatura, significância e conseqüentemente uma notoriedade, ele proporciona uma tomada de consciência ao que está ocorrendo perante o meio ambiente e uma impossibilidade da alegação de desconhecimento das conseqüências eminentes (NEYRAT, 2015).

Alguns autores se aprofundam em torno da nomenclatura desse novo momento geológico, trazendo novas considerações, cargas literárias e pontos de vista a serem mais evidenciados. Percorrendo por sugestões nominais como Capitaloceno, Plantationoceno e Chthuluceno. O limite entre o que é o Antropoceno e suas variações nominais parte de

diferentes ontologias, com a formação de diferentes significações, mas todas elas devem incluir intrinsecamente o fato de que a enorme e irreversível destruição do planeta como conhecemos está de fato acontecendo (HARAWAY, 2016). O ato taxonômico e consequentemente a criação de uma significância fenomenal parte de um lugar de controle, onde a organização responsável pela sua realização possui o poder narrativo presente naquela conjuntura. Tendo o poder multifacetado do uso linguístico como algo que fascina as formações sociais desde os seus primórdios (PETTER, 2002).

Deste modo, o objetivo de pesquisa deste estudo teórico é analisar a relação em como a nomenclatura desse novo momento geológico se relaciona com a percepção do seu significado, causas e consequências para o público fora da academia e o papel das organizações nessa formação de significância. Este estudo se torna relevante, pois a partir de sua nomenclatura e inserção no vocabulário linguístico, cria-se uma possibilidade de aprendê-lo e consequentemente debatê-lo de maneira eficaz (VIEIRA, 2001), a tomada de visibilidade para o fenômeno também torna mais difícil sua minimização e possível distorção e mitigação entre a massa (NEYRAT, 2015).

O presente trabalho configura-se como um ensaio teórico em torno de uma análise, discussão e desenvolvimento teoricista que relaciona o papel das organizações na criação de uma significância para um fenômeno presente na sociedade. Composto por Introdução, Referencial Teórico com seus subtópicos; A Taxonomia através das suas múltiplas causas, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno e sendo encerrado com as Considerações Finais.

2. A Taxonomia através das suas múltiplas causas e a criação de significâncias

Um nome possui uma vasta bagagem de percepções, pois ele não se limita apenas a uma palavra aleatória, ele sempre quer dizer algo além do óbvio, possuindo uma complexa relação com a significação. O ato de nomear está entre uma das questões primordiais na relação de linguagem e realidade, onde a nomeação é responsável por organizar e classificar a percepção da realidade (MOREIRA, 2010).

A complexidade da linguagem tem sido um desafio constante para estudiosos ao longo da história. O fascínio que a linguagem exerce sobre os seres humanos decorre do seu poder multifacetado, onde ela permite a nomeação, criação e transformação do mundo ao seu redor, agregando também a possibilita do compartilhamento de experiências, discussão de ocorridos, do que poderá ocorrer até mesmo idealizar o que não precisa existir e o que está além das fronteiras da existência. É essa capacidade única da linguagem que a torna uma ferramenta fundamental para a comunicação e criação de significâncias na expressão verbal dos seres humanos. A sua riqueza e profundidade continuam a intrigar e inspirar estudiosos e indivíduos em todo o mundo (PETTER, 2002), onde a comunidade acadêmica e seus pesquisadores possuem o ato de nomear como uma característica intrínseca às suas atividades, onde justifico esse cerne através de uma ótica psicanalítica posta por Viera (2001), pois mostra que o debate de um fenômeno só pode ocorrer no a posteriori da efetivação de seu nome, pois a partir do momento que ele é inserindo em uma estrutura cognitiva e linguística, se cria um mecanismo que permite apreendê-lo e discuti-lo de maneira mais eficaz e abrangente.

O Antropoceno pode ser encarado como um conto ou uma história, sendo reconfortante, mas ao mesmo tempo, com indagações desconfortáveis. Se moldando facilmente em uma significância convencional e familiar, onde a humanidade faz coisas

horripilantes para a natureza (MOORE, 2017). “É mais ou menos assim. Tome uma parte “humana”. Depois, uma parte “consequências ambientais”. *Voilà!*, temos um conto de humanos sobrecarregando as grandes forças da natureza” (MOORE, 2017, p. 595). Moore (2017) denomina essa lógica como Aritmética Verde, onde a natureza é reduzida a apenas mais um fator, uma variável. Sendo nossas ações um reflexo das nossas memórias musculares. Souza Júnior (2023) destaca esse conceito como uma generalização de responsabilidades humanas implícitas ao “Antropo” de Antropoceno, viabilizando uma discussão em torno de novas construções de significância.

Prado (2010) compreende que as representações sociais não são estáticas ou muito menos imutáveis, estando sujeitas a mudanças que ocorrem dentro de um contexto sociocultural estabelecido, onde essas representações e significâncias são construídas, adaptadas e atualizadas durante as interações sociais. A partir do momento em que o nome “Antropoceno” é aceito e difundido entre a massa acadêmica e midiática, pode-se simplesmente dizer que ele se refere ao impacto da humanidade no planeta terra, onde esse impacto cresceu e se alastrou ganhando uma escala geológica (HARAWAY *et al.*, 2015), minimizando suas causas, causadores e consequências. Sendo passível de moldar a criação de significância para a massa como um todo em relação a eminente crise planetária e suas origens, fornecendo um conceito inicial em que a humanidade e a natureza estão sendo separadas em diferentes planos (MOORE, 2017).

Haraway (2016) indaga sobre a relevância de como nomear o Antropoceno, Plantationoceno, Capitaloceno e demais possíveis variações, destacando a forma que essa nomenclatura se entrelaça com a sua proporção, escala, relação entre taxa e velocidade, sua sincronicidade e complexidade com a realidade. Pois, por vezes, as propriedades oriundas de um nome não estão explícitas e claras, o que acaba gerando inquietação e discordância entre filósofos e linguistas (MOREIRA, 2010), como pode ser observado no artigo “*Anthropologists are talking – about the Anthropocene*” publicado no *Journal of Anthropology*, onde os autores dialogam sobre as facetas do antropoceno e outros possíveis nomes que melhor descreveria tal fenômeno.

“O que o ato de nomear pode querer dizer ou fazer? Ou seja, o que o ato de nomear pode representar?” (MOREIRA, 2010, p. 2917). A formação de significância para um fenômeno presente na sociedade parte de um lugar confortável e de detenção de poder, onde o agente responsável pela sua realização possui o poder de controle narrativo presente naquela conjuntura. Austin (1976) reflete sobre a ótica performativa da linguagem, onde as sentenças e nomenclaturas se disfarçam e mascaram sua real intenção comunicativa. Em um panorama geral, as sentenças performativas se passam por declarativas, que por sua vez, possuem apenas o intuito de descreverem algo sem influenciar ou gerar uma ação (AUSTIN, 1976). Com isso, a partir da utilização de sentenças e nomenclaturas performativas, entidades e organizações conseguem manipular e moldar o entendimento do público geral da maneira em que lhe é mais conveniente, sendo o Antropoceno um possível exemplo, onde esse termo distribui a culpa do atual momento geológico a toda sociedade de forma igualitária, como se todos tivessem explorados os recursos terrestres da mesma forma.

Austin (1976) ainda complementa apontando em como as sentenças performativas se camuflam facilmente dentre as declarativas, onde não se é percebido de prontidão que elas possuem um intuito além de apenas descrever algo. Ainda demonstrando a relação de dificuldade em diferenciá-las, pois em seu cerne, todas as sentenças são performativas, pois intrinsecamente, toda ação de comunicação possui um intuito performativo de gerar uma ação resposta.

3. Capitaloceno

O Capitaloceno emerge como uma forma de criticar a visão antropocência, levando em consideração que as ações humanas sempre possuem um trespasse em condições socioeconômicas e políticas no contexto capitalista global. Portanto, ressaltando como a valorização econômica e a naturalização da apropriação da natureza e seus territórios também são a causa das modificações ambientais desse novo momento geológico (ULLOA, 2019).

Deste ponto de vista, podemos perguntar: Estamos realmente vivendo no Antropoceno – a "era do homem" – com suas visões eurocêtricas e tecnodeterministas? Ou estamos vivendo no Capitaloceno – a "era do capital" – a era histórica moldada pela acumulação interminável de capital? (MOORE, 2017, p. 596).

O capitalismo na visão histórica não é reduzido a apenas uma formação social, pois ele ainda possui uma prática ontológica de “Natureza Barata”, onde a partir disso, ele expande seu capital em cima das incessantes transformações que ele causa em todas as escalas terrestres (MOORE, 2017). Partindo de um constructo temporal, Tsing (2015) atrela que esse momento geológico não se iniciou com a espécie humana como um todo, mas sim com o advento capitalista na sociedade, onde o termo “Capitaloceno” seria uma forma de questionamento em como o acúmulo de capital e a busca incessante pelo poder impactam o planeta da forma em que conhecemos (ULLOA, 2019). Haraway (*et al*, 2015), questiona a postulação social e organizacional de quando autores optam por utilizarem o termo Capitaloceno para significar essa nova era geológica, trazendo um paralelo de julgamentos e inferências a eles, sendo caracterizados como agentes políticos e de cunho socialistas.

A ascensão e o debate em torno do Antropoceno e Capitaloceno devem ser encarados como uma oportunidade para reavaliar a relação entre o homem e a natureza, uma possibilidade de abertura para diferentes discussões, com perspectivas de pessoas com diferentes trajetórias e culturas (ULLOA, 2019). Haraway (*et al*, 2015), indaga que quando o termo Antropoceno foi empregado, se houvesse a sugestão de uma nomenclatura diferente para esse fenômeno, como o termo “Capitaloceno”, se ela realmente seria levada a sério como uma opção viável ou apenas como algo sarcástico e de cunho político, tendo em vista que os argumentos antropocênicos vão contra as realidades capitalocênicas (MOORE, 2017). Entretanto, Haraway (2016) também problematiza a postulação dessa era geológica sendo significada como Capitaloceno, pois em sua ótica, essa significação sobrevaloriza e interpõem o papel do capital como um fator único e onipresente nas relações sociais.

4. Plantationoceno

O Plantationoceno é um termo mais recente e menos difundido, sendo proposto por alguns cientistas e ambientalistas como uma contrapartida e possibilidade ao Antropoceno, sendo assim, mais uma forma de denominar essa nova era geológica que vem sendo trabalhada ao longo do texto (SOUZA, 2022), mas ainda buscando uma mitigação das suas consequências (HARAWAY, 2016).

Apresentando um panorama possível de abranger toda a relação de decorrência, distopia e precarização desse novo momento geológico com o sistema de plantation (SOUZA JÚNIOR, 2023), sendo uma figura conceitual, pragmática e implantada no regime das

colônias europeias. “Parto da tese de que o regime colonialista da Plantation, implantado durante o projeto colonial europeu, promoveu uma redução ontológica do mundo” (SOUZA, 2022, p. 80), transformando as maneiras de ver, pensar, plantar e criar relações com a natureza, o que levou a alguns agentes das Ciências Humanas a utilizá-lo de forma epistemologicamente basal para nomear essa conjuntura geológica como Plantationoceno e gerar sua significância (SOUZA, 2022).

O Plantationoceno também carrega uma ideia de se concentrar nas soluções ainda viáveis e positivas na restauração ecológica, ao invés de apenas focar na influência negativa que a atividade humana realizou no meio ambiente (HARAWAY, 2016). O termo "Planti" refere-se a plantas e à importância de restaurar ecossistemas naturais saudáveis e funcionais, que são essenciais para a sustentabilidade da vida na Terra. A proposta do Plantationoceno é que devemos trabalhar para criar uma era em que as atividades humanas sejam mais equilibradas e harmoniosas com a natureza, e onde a restauração ecológica e a biodiversidade sejam prioridades nas agendas governamentais e corporativas (SOUZA, 2022).

5. Chthuluceno

Com uma configuração epistemológica diferente, possuindo elementos que perpassam por dentro e através da era do capital e do antropos, a terminologia Chthuluceno é proposta para restaurar as criaturas tentaculares que foram relegadas como algo mórbido e já derrotadas pela modernidade, mas que na verdade ainda não em seu fim (SOTO, 2016). Considerado como um evento heterocrônico, o Chthuluceno possui um limite onde o antigo e o contemporâneo se encontram e se fundem, onde nomeiam-se...

[...] as forças sim-ctônicas em marcha, às quais todos nós pertencemos. A potência da figura oferece um ponto de partida onde os atores não são apenas “nós”: uma saída metodológica ao excepcionalismo humano. Ante a compreensão de um mundo que enfrenta desastres ambientais sem precedentes induzidos pela humanidade (SOTO, 2016, p. 27).

Uma forma de viver e morrer dignamente na significância do Chthuluceno é através da junção de forças para reerguer refúgios, tornando possível uma grande parcela de recomposição e reconstrução social, biológica, tecnológica e política, entretanto, não esquecendo o sentimento de luto pelas perdas irreversíveis (HARAWAY, 2016). Existindo uma remota possibilidade agregada ao interesse e compromisso de um trabalho colaborativo com os demais habitantes da terra, onde seria possível a ideia de abrochar arranjos de multiespécies, incluindo as pessoas (HARAWAY, 2016). Segundo Haraway (2016), o Chthuluceno convida a uma imersão na exploração, coprodução e co-dependência das espécies que coabitam a terra, onde ela denomina todos esses aspectos como apenas viver com o problema.

6. Considerações Finais

Retomando a ideia de Moreira (2010), onde o ato de nomear está atrelado em uma relação de linguagem e realidade, sendo responsável pela percepção e significação dessa realidade, levando uma mensagem além do óbvio, ainda perpassando pela ótica performativa da linguagem de Austin (2016), onde as sentenças e nomenclaturas disfarçam sua real intenção. Podendo-se observar em como a nomenclatura utilizada impacta diretamente na

relação de percepção de seu entendimento inicial e construção de uma significação para o destinatário, possuindo uma relação de poder e controle narrativo entre a organização que postula a linguagem desejada junto à criação de significância desse fenômeno em paralelo com a sociedade que o recebe.

A partir de diferentes aparatos analíticos, metafóricos e repertórios teóricos, o Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno e outras possíveis nomenclaturas são perspectivas que se iluminam e obscurecem em diferentes pontos sobre uma mesma luta. Pois, todos são formas de nomear o mesmo fenômeno/ era geológico que estamos vivendo e o que está acontecendo com a água, terra, ar, oceanos, animais, plantas e tudo que envolve o meio ambiente. A conjuntura teórica postulada não busca hierarquizar ou definir qual a construção de significância se mostra ideal e melhor refletiria o fenômeno, mas sim, como essas postulações incidem nas percepções dos indivíduos e na construção de significância para tal fenômeno, estando presente na sociedade e disseminada através dos aparatos organizacionais.

Detendo o conhecimento relativo em como o termo utilizado impacta na percepção social, organizações como um todo, incluindo a comunidade acadêmica e outras entidades filantrópicas ou não, buscam propor e emplacar o termo que acredita ser mais fiel ao fato decorrido, ou mais aderente aos seus interesses institucionais e organizacionais. Onde a partir dele, criar uma relação informativa e/ou modulante na percepção de significância do entendimento do público geral em relação a essa incursão geológica, até então denominada como Antropoceno, ressaltando esse público geral e sociedade como caracterizados de não pertencentes à comunidade acadêmica.

Independente da forma final que é denominada, o cerne dessa era geológica é marcado por graves desequilíbrios e descontinuidades (SOTO, 2016) socioambientais, onde o debate teórico possui o viés de fomentar essa conjuntura crítica entre significâncias organizacionais e sociedade, juntando a sua formação e seguindo para os desdobramentos desse fenômeno a partir da sua nomenclatura. Considerando esse ensaio como um estudo que não visou esgotar as possibilidades de ocorrências entre a relação de criação de significâncias por parte das organizações e seus desdobramentos na sociedade, restringindo-se ao paradigma teórico, saliento a relevância da construção de futuros estudos empíricos, mostrando-se fundamental para mensurar o real entendimento público para as diferentes terminologias em torno dessa nova era geológica e seus futuros desfechos.

7. Referências

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Oxford University, 1976.

GASPARIAN, M.; BROWN, S. D.; GREEN, W.; HUGILL, A.; LILLEY, S.; QUINN, M.; SCHINCKUS, C.; WILLIAMS, M.; ZALASIEWICZ, J. The Business School in the Anthropocene: Parasite Logic and Pataphysical Reasoning for a Working Earth. **Academy of Management Learning & Education**. v. 19, n. 3, 385–405. Briarcliff Manor, 2020. Disponível em < [The Business School in the Anthropocene: Parasite Logic and Pataphysical Reasoning](https://journals.aom.org/doi/10.5465/amle.2019.0199) for <https://journals.aom.org/doi/10.5465/amle.2019.0199> a Working Earth | Academy of Management Learning & Education (aom.org) >. Acesso em 04 abr. 2023.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte**. n. 5, ano 3, p. 139-

146. Campinas, 2016. Disponível em <
https://www.academia.edu/25130394/ANO03_N05_Antropoceno_Capitaloceno_Plantationoceno_Chthuluceno_fazendo_parents_Donna_Haraway >. Acesso em 10 abr. 2023.

HARAWAY, D.; ISHIKAWA, N.; GILBERT, S. F.; OLWIG, K. TSING, A. L.; BUBANDT, N. Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene. **Journal of Anthropology**. v. 8, n. 3, p. 535-564, 2015. Disponível em <
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00141844.2015.1105838> >. Acesso em 5 abr. 2023.

JUNIOR, G. R. M.; RABELO, R. F. S.; Antropoceno e a práxis da temporalidade negativa: um estudo sobre a inação. **Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais**, v. 20, n. 40, p. 71-87, 2022. Disponível em <
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/24810> >. Acesso em 12 abr. 2023.

LIMA, R. A.; SALDANHA, L. S.; CAVALCANTE, F. S. A Importância da Taxonomia, Fitoquímica e Bioprospecção de Espécies Vegetais Visando o Combate e Enfrentamento ao Covid-19. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**. v. 7, n. 1, p. 607-617. Rio Branco, 2020. Disponível em <
<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3721> >. Acesso em: 04 abr. 2023.

LOUSA, T.; MIKOSZ, J. E. Antropoceno e a Consciência Artística Global: Do Paleolítico à Sabedoria Ancestral da Floresta Amazônica. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 11, n. 2, p. 252-264, 2022. Disponível em <
<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/6298> >. Acesso em 04 abr. 2023.

MOORE, J. W.; The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal of Peasant Studies**. v. 44, n. 3, p. 594-630, 2017. Disponível em <
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03066150.2016.1235036?src=recsys> >. Acesso em 11 abr. 2023.

MOREIRA, T. A. S. M. O ato de nomear - da construção de categorias de gênero até a abjeção. **Cadernos do CNLF**, v. 14, n. 4, t. 4, p. 2915-2926. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <
http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/2914-2926.pdf >. Acesso em 05 abr. 2023.

NEYRAT, F. Crítica do geoconstrutivismo. Antropoceno & geoengenharia. **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte**. v. 4, ano 2, p. 10-19. Campinas, 2015. Disponível em < *dossie-6-10.pdf (mudanchttp://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2015/12/dossie-6-10.pdfasclimaticas.net.br) >. Acesso em 04 abr. 2023.

PETTER, M.; Linguagem, língua, linguística. **Introdução à linguística**, v. 6, p. 11-24, 2002. Disponível em < <https://plataformaead.unigran.br/webaulas/63/526/arquivos/aula01.pdf> >. Acesso em 19 set. 2023.

PRADO, D. F. B.; Linguagem e representação: discussões teóricas sobre o potencial dos exercícios de nomeação no campo das representações. **e-Com**, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em < <https://revistas.unibh.br/ecom/article/view/594> >. Acesso em 19 set. 2023.

SOTO, P.; **Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno, viviendo con el problema en Fukushima**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em < <https://pablodesoto.org/wp-content/uploads/2016/10/DeSoto-Antropoceno-Capitaloceno-Chthuluceno-vivendo-com-o-problema-em-Fukushima.pdf> >. Acesso em 12 abr. 2023.

SOUZA JÚNIOR, C. R. B.; Geografias culturais no/do Plantationoceno. **Caminhos de Geografia**, v. 24, n. 94, 2023. Disponível em < <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/66421/36536> >. Acesso em 19 set. 2023.

TSING, A. L.; The Mushroom at the end ou the world: On the possibility of life in capitalist ruins. Princeton: **Princeton University Press**, 2015. Disponível em < <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9781400873548/html#Chicago> >. Acesso em 19 set. 2023.

ULLOA, A.; A ERA DO SER HUMANO: Vivemos no Capitaloceno? **HUMBOLDT - Revista de Cultura. América do Sul e Alemanha**. 2019. Disponível em < <https://www.goethe.de/prj/hum/pt/dos/kos/21539326.html#:~:text=O%20Capitaloceno%20surge%20como%20uma,no%20contexto%20do%20capitalismo%20global> >. Acesso em 11 abr. 2023.

VIEIRA, M. A.; Dando nome aos bois, sobre o diagnóstico em psicanálise. **Psicanálise: pesquisa e clínica**, v. 1, p. 171-181, 2001. Disponível em < http://litura.com.br/artigo_repositorio/dando_nomes_aos_bois_pdf_1.pdf >. Acesso em 19 set. 2023.

